

Cartão-postal fechado para visitantes

INDIFERENÇA

Alta-estação chega ao fim e o Forte de São Marcelo continua esquecido

MARY WEINSTEIN

O Forte de São Marcelo fica olhando Salvador mudar. Na condição de principal monumento construído nas águas da Baía de Todos os Santos, pôde ver o Elevador Lacerda ser restaurado com granito (2002), o Mercado Mode-
lo queimar

(1969/1984), a escultura de Mário Cravo ocupar o espaço do antigo Mercado e a Contorno ficar cada dia mais chique, com restaurantes, piers, marinas e galerias de arte.

Quase tudo muda, incluindo o forte, que, há séculos, antes dos sucessivos aterros na Cidade Baixa, ficava a mais de 500 metros da beira do mar. Hoje, a apenas 300, foi passado a segundo plano, mesmo estando em primeiro, num dos frontispícios de cidade mais bonitos de que se tem notícia. Um desperdício. O forte é lindo por dentro e por fora e muita gente está querendo vê-lo, finalmente, aberto à visitação.

"Faltam recursos para res-
taurar",

aponta o coronel Anésio Leite, presidente da Associação Brasileira dos Amigos das Fortificações Militares (Abraf). "Estamos batalhando. Temos um contrato de sessão de uso, assinado em julho de 2000, com o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Para reabrir, precisamos, pelo menos, dos sanitários funcionando", dispara.

"Água, a Embasa já colocou. Só precisa ser distribuída. Um projeto luminotécnico chegou a ser iniciado pelo Estado, no ano passado. Mas, aí, vieram as eleições, as coisas esfriaram. Atualmente, há parceiros contatados e sabemos que o prefeito está interessado, porque conversamos com ele".

Sem projetos

A prefeitura avisa que não tem projeto específico de recuperação para o forte, mas quer reabri-lo assim mesmo. O prefeito Antonio Imbassahy chegou a falar com o secretário executivo do Ministério da Cultura, Juca Ferreira, que achou a idéia boa. "Há uma proposta de intervenção para inclusão como turismo cultural", adequou Juca, lembrando, no entanto, que a nova gestão no Ministério da Cultura está apenas começando.

No início do ano passado, o ex-diretor do Iphan, Carlos Heck, chegou a visitar o forte e ficou de estudar o assunto, sem desprezar uma reforma estrutural que considerou prioritária. Já a prefeitura quer mesmo agilizar. Acha que bastaria disponibilizar informações históricas e uma limpeza, como a que fez para as comemorações dos 500 anos da Baía de Todos os Santos, em 2001, quando houve apresentação de corais e de Gal Costa, "Ficam inven-

tando restaurante e outras coisas. Tem gente que nunca pisou lá, que nunca olhou Salvador daquele ângulo, enfim, que nunca teve o prazer de entrar ali", disse o assessor, jornalista Tasso Franco.

O coronel Leite acredita que de R\$ 3 a R\$ 4 milhões resolveriam o problema. "Nada que a iniciativa privada não possa arcar. Em 1983, foram colocados sanitários, portas de blindex, instalações elétricas, água. Mas, não deram uma função. Não adianta recuperar por recuperar, deixando o monumento fechado. Houve roubos, destruições e,

aí, começa tudo de novo. Para ser reaberto, o forte precisaria de um ponto de apoio pra quem visita — loja de souvenirs, museu. A restauração da estrutura aconteceria independentemente da visitação", planeja o coronel, otimista com o envolvimento do prefeito Imbassahy e da Conder, que se comprometeu em apressar os preparativos.

A intenção é reabrir o forte em uma data solene como o 2 de julho (Independência da Bahia). "Mas, por enquanto, não há nada assinado. Não vamos pensar que o governo terá recursos. Isso terá que partir da iniciativa privada", disse o coronel.

Corrosão

Restaurar a base do forte por causa da corrosão provocada pelo mar, ao longo de 350 anos, não comprometeria os planos de reabertura, garante o coronel Leite. De acordo com os cálculos feitos por ele, o trabalho no enrocamento sairia em torno de 700 mil a um milhão de reais. "Feito isso, o forte estará pronto. Sem dúvida, pode ser aberto nas condições atuais, mas o trabalho precisa ser feito a médio prazo", flexibiliza.

PMS FALC GERIN

BIBLIOT

In - A Tarde

Pat -

09/03/2003

Cadern -

Restauração, da Faculdade de Ar-

quitetura da Universidade Federal

da Bahia, Mário Mendonça, diz

que o Forte de São Marcelo tem

importância extraordinária por ter

sido construído de uma forma rara.

"Possivelmente, sua concep-

ção foi inspirada no Forte do Bu-

gio, que fica na boca do Tejo (Portu-

gal). Existe um sincronismo na

documentação dos dois monu-

mentos. Na parte central do São

Marcelo tinha um torreão com can-

honeiras e o anel externo era

mais baixo, também com

canhoneiras, como se po-

de observar nos dese-

nhos do século XVIII.

Até o século XIX, o

forte foi mexido.

Muitos historiadores

o confundem

com o outro Forte

do Mar ou Forte da

Laje (que desapare-

ceu com os aterra-

mentos)", esclarece

o professor.

O embaixador de

Portugal no Brasil, Antô-

nio Franco, reconhece a

Torre do Bugio, no Forte São

Marcelo, e diz que em Portugal os

sítios históricos são reaproveita-

dos para o turismo.

O professor da Ufba explica

que a forma circular do São

Marcelo foi adotada para ade-

quar a construção à coroa de

areia que serviu como base. Pa-

ra complementar a sustentação

foi preciso fazer um enroca-

mento. Com o passar do tempo,

o enrocamento cedeu e o anel

externo do forte foi solapado

pelas águas do mar. Mas o forte

está protegido pelo quebra-mar

construído já no início do sécu-

lo XIX. "Quanto mais se bota

coisa, enfeia-se a nossa baía. O

quebra-mar tem uma curva mui-

to elegante, é harmônico. Aque-

le novo, do jeito que foi projetado,

é uma agressividade", lamenta o professor, querendo de-

fender o forte e a baía dos im-

pactos causados por constru-

ções recentes.



Fortaleza tem guardião

Adson Bastos, 13 anos, 4ª série, só tinha circundado o forte, a barco, e era louco pra andar lá dentro. Do Taboão, ele vem passar as tardes mergulhando nas Rampa do Mercado. Ele vem andando do Taboão para dar umas caídas na Rampa do Mercado. Esperto, toda hora pede um dinheiro pra tomar refrigerante. Daria um ótimo guia turístico, daqueles que tem em Minas Gerais, que desandam a falar. Foi ele quem soltou a âncora do "Raízes" que levou a equipe de reportagem até o Forte. Adson se enxertou e foi também. "Se eu disser, a senhora não acredita. Tenho 18 irmãos", disse ele, achando que era constrangimento. "Os gringos jogam moedas no mar pra a gente pegar". Na verdade, eles querem ver os saltos que os meninos dão naquela água, que só de olhar dá pra ver que é diferente da que tem fora da baía.

Outro que ajudou foi Ubiraci Alves Gomes, 18 anos, capoeirista, pescador nas horas vagas, que daria um ótimo modelo para fotos de Mário Cravo Neto. Foi ele quem conseguiu fazer o motor pegar, coisa de jeito mesmo, depois de várias tentativas do dono do barco, Natanael Pereira dos Santos, 57 anos, que lembra bem dos incêndios do Mercado

Modelo. Nasceu e cresceu ali. Ele lembra, também, que andava pelado na Capitania dos Portos, com a mãe a correr atrás, e que jogava pelada na Marinha.

Até hoje, ele, filho de policial, batizado na Igreja da Conceição da Praia, vive, ali, fazendo todo tipo de transporte no Raízes verde bandeira.

O barco vai se distanciando da Rampa e dá pra ver a cidade linda. A arquitetura do edifício Sulacap dividindo a Ladeira de São Bento e a Carlos Gomes, as docas, o Palácio do Rio Branco, os ônibus subindo a Ladeira da Montanha, os navios brancos dos turistas ancorados. Em questão de minutos, o barco de Natanael chega ao ancoradouro do Forte, construído em um flutuador, há dois anos. Na mesma oportunidade, foram feitas uma ponte e uma rampa, cujas grades, de aço cromado, destoam um pouco da paisagem azul.

A porta do forte tem um viralata latindo. Pertence a José Aureliano de Jesus, 59 anos, que, há sete, toma conta do monumento, cujo tombamento foi feito em 1938. No ano passado, a dedicação de José foi reconhecida com uma "comenda importante", em Brasília. "Foi a mesma que o maestro Fred Dantas ganhou. Eu e ele viajamos juntos", orgulha-se o guardião.

José é filho do pescador Jorge Patú (corruptela de pato – só vivia dentro d'água), que morreu aos 98 anos, depois de muitas histórias e de ser conhecido por Jorge Amado. José, praticamente, mora e trabalha no forte, porque assim decidiu. Tem até carteira assinada por uma firma terceirizada pelo Iphan. "O forte não podia ficar abandonado. Medo faz, mas quando você tem uma missão a cumprir...", diz ele, passeando por entre os pés de araçá, limão, coco e pau-brasil plantados lá. Ele gosta de explicar que o forte tem um sistema de captação de água de chuva e que "os caras que construíram aqui eram mais inteligentes do que os de agora. Nessa obra não tem cimento, nem ferro, e é uma estrutura sólida". As pedras eram ligadas com azeite de peixe. José acha interessante reabrir o forte, "mas não só para a elite visitar".

O guardião aponta ainda os bancos embrechados de conchas do tempo colonial enquanto fala das esculturas e entalhes. Outra, que inclui o próprio forte e um saveiro, foi feita "reciclando" uma das almofadas de um portal verde musgo que está encostado na parede. José, que diz ver muitas barberagens dos navios atracando, rema, solitário, o próprio bote, para ir e vir, entre o São Marcelo e o cais.

"Os caras que construíram aqui eram mais inteligentes do que os de agora. Nessa obra não tem cimento, nem ferro, e é uma estrutura sólida"
JOSÉ AURELIANO, 59 anos, guardião do forte

Construção do século XVII

O Forte de São Marcelo, ou Forte do Mar, construído a partir da metade do século XVII, para defender Salvador dos holandeses, jamais lutou contra invasor algum, porque simplesmente não houve mais ataques externos. Só internos. Partiram do próprio forte, contra a própria cidade para a qual foi construído.

Em 1833, houve uma rebelião de presos políticos, liderados por Miguel Guanais, que acabou em bombardeio contra Salvador. Os presos queriam a rendição do governo e a instalação do federalismo. "Dali saiu um manifesto muito interessante, de linhas claramente democráticas, que propunha autonomia provincial para a Bahia. Apenas uma pessoa morreu com a destruição de uma das casas atingidas pelos canhões", conta o historiador e professor da Ufba, João Reis.

"Na Revolta dos Malês, dois anos depois, os negros que fizeram o levante ao final do ramadã, que coincidia com o Domingo do Bonfim, foram presos ali e interrogados, muitos sob tortura", complementou Reis. As masmorras, sob o nível da água, eram de um calor e umidade insuportáveis, contam os arquivos.

O autor de *A Sabinada*, Paulo César de Souza, escreveu em seu livro, sobre a fuga a nado do líder farroupilha, Bento Gonçalves, em 1837. "Ele fugiu e foi recolhido por um barco. Presume-se que seus irmãos da maçonaria baiana e conspiradores da Sabinada o ajudaram. Depois de uma breve estadia em Salvador, Bento Gonçalves voltou ao Sul. Posteriormente, os correligionários de Fernando Sabino também estiveram presos no Forte do Mar, como era chamado na época", historiou Paulo César.

Em 1912, uma segunda e última ação bélica mirou Salvador. Foi para apressar a posse do governador J.J. Seabra. Acabou destruindo o Palácio Rio Branco, que pegou fogo e junto com ele a biblioteca mais antiga do Brasil. O Palácio dos Governadores tinha acabado de passar por uma reforma, entre 1900 e 1912 – iniciada no governo de Rodrigues Lima, bisavô do ex-deputado Haroldo Lima.

Além dos tiros contra a própria cidade, os canhões do Forte São Marcelo foram usados para marcar horas e datas solenes. Era chamado de "o tiro do São Marcelo". O professor Mário Mendonça, que conta essas histórias, diz que o forte é "mais do que importante. É conhecido como 'umbigo do Brasil'. É tremendamente emblemático para a imagem da cidade. É um símbolo", pontifica.



A Prefeitura de Salvador anuncia que não tem projeto para a recuperação do Forte de São Marcelo

Foto: Carlos Casaes - 18/2/2003